

Poema da Vida

Paulino Santiago
(Maceió, Alagoas)

CANTO I

Infância

Quando parti, tu me disseste :— Escuta :
Nunca mais me verás.
Conforma-te. Sê forte e altivo e audaz na luta. Não olhes para trás!

CANTO II

Juventude

Vim. Recebeste-me entre flores,
Cantos e luzes, como a um deus.
Sorvemos o hidromiel de todos os amores;
Subi, de gozo, aos céus, nos braços teus.
Mas ao partir, falaste assim :
— Segue, tu estás armado cavaleiro !
Faze da vida um meio e da bondade um fim !
Estuda, pensa, crê. Sê brando e justiceiro.
Vai ! Para sempre esquece-te de mim...

CANTO III

Maturidade

Quando do teu solar me abriste as portas
Inda brilhava o sol do outono e inda aquecia.
Tu me abraçaste e fomos,
Sobre o extenso lençol das folhas mortas,

Do teu jardim comer os sazonados pomos.
A tarde esmaecia...
E então, colhendo um derradeiro fruto,
Levaste-o à minha boca.
E, serena e tranquila e de semblante enxuto,
Apontaste-me a estrada. — Anda ! Põe-te a caminho !
Agasalha-te bem, que o tempo é incerto.
Uma gaze de frio os cimos touca,
E como vais sósinho,
Tem cuidado com a noite que vem perto !...

CANTO IV

Velhice

Ia avançado o inverno, quando,
Roxo de frio e os pés sangrando,
Vi com o olhar amargurado e triste
Que não tinha mais nada na sacola.
Bati. Surgiste,
E, embora dúbio o passo, inda sustinhas firme
Nas engelhadas mãos, para acudir-me,
O caldo bom da tua esmola.

Era tristonho e pobre o teu tugúrio,
Calmo e silente como um claustro; mas
De vez-em-quando um mórbido murmúrio
De saudade, de queixas e de pranto
Quebrava aquêlencanto
De repouso e de paz.
Seriam, quem sabe ? gemidos do vento,
Soprando nas frinchas dos muros gretados,
Ou o éco soturno do flébil lamento
Dos mortos, chorando seus velhos pecados...

Olhaste-me, e eu baixei as pálpebras cansadas :
Tinhas entre o negrume das pupilas
Rubros clarões de incêndios e alvoradas.
Falaste-me, e eu tremi. Como a voz das sibilas,
Parecia nascer no princípio dos mundos
E vir na asa dos séculos, ecoando
Por serros e alcantis e por grotões profundos,
A tua própria voz :
— Bramindo,
— Rolando,
— Rugindo,
Até chegar perto de nós :

— Eis-te afinal, viajor, chegado ao val-de-lágrimas !
Verte-as ! Aquêlencanto é delas que transborda.
Dos teus olhos, porém, se as fontes se esvaíram,
Chore-as tua alma, então e, chorando, consagre-mas...
É tudo quanto peço em troca desta açorda,
Quanto colhi dos que, no último adeus, partiram.
Tal como à-flor de um lago a sombra de uma nuvem,
Tudo o que havia em ti — sonhos, ânsias, gemidos —
Foi miragem fugaz de uma alma abstrusa e louca.
— Ó ! Não esperes mais, das seáras, que se enludem
De brotos para a festaa arval dos teus sentidos,
De grãos para o prazer sensual de tua boca.
— Esquece que és alguém. Da fronte arrasa os sulcos,
Serena o rosto e espera a suprema chamada
Que há de vir dos confins distantes e profundos.
— E então, da terra insóbria aos vastos seios hiulcos
Voltarás como um verme, um grão de poeira, um nada,
Para a renovação dos seres e dos mundos.

CANTO V

Finis

Na noite e no silêncio do tugúrio
Vaporosos fantasmas se esgueiravam
E mal se ouvia o mórbido murmúrio
De sombras que na sombra soluçavam.